

## **As relações de gênero e a problematização do corpo no canal JoutJout Prazer<sup>1</sup>**

Carolina Souza LOUBACK<sup>2</sup>

Mariana Ramalho Procópio XAVIER<sup>3</sup>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil

### **Resumo**

O protagonismo da mídia nas nossas experiências sociais é evidenciado na construção de padrões culturais estabelecidos ao longo do tempo. Com o surgimento de espaços comunicacionais alternativos, como o YouTube – portal de compartilhamento e exibição de vídeos – a integração de informações e a democratização de modos de vida foram potencializados. Diversas reivindicações sociais ganharam destaque, como a desigualdade de gênero e o empoderamento feminino. Discutimos essas questões por meio da problematização feita no Canal JoutJout Prazer relativa à mulher alta. Na conceituação de Nobre e Faria compreendemos o conceito de gênero e para delimitar nosso entendimento de empoderamento recorreremos às reflexões de Sardenberg. A discussão proposta pelo canal desconstrói o estereótipo da mulher alta e motiva as mulheres a assumirem suas características, independente dos padrões restritivos.

**Palavras-chave:** corpo; gênero; padrões culturais; Youtube

### **Introdução**

Os múltiplos espaços de comunicação disponíveis atualmente têm um papel protagonista na construção e legitimação de valores culturais. Esses valores, que contribuem para a estruturação de diversos padrões, circulam na grande mídia e nem sempre são inclusivos considerando a diversidade de cada indivíduo, principalmente dentro do contexto brasileiro. É importante compreender que os padrões culturais, instituídos ao longo do tempo em sua maior parte por um grupo dominante, influenciam fortemente nossa identidade e a forma como nos relacionamos com o outro. Esse campo de disputa, dentro da sociedade midiaticizada, condiciona os indivíduos para um constante conflito com suas representações sociais, por meio desse bombardeio de informações e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Estudos Interdisciplinares, da Intercom Junior – XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação, 7º período do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, bolsista de iniciação científica PIBIC/FAPEMIG no período de março de 2017 a março de 2018, email: carolinaloubackk@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho, Professora do Curso de Comunicação Social/Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa, email: mariana.procoppio@ufv.br

---

comandos de como devemos ser, quais desejos e anseios devemos ter e quais os melhores modos de se viver a vida (KELLNER, 2001).

A experiência social, seja por meio das representações midiáticas ou nas relações face a face, é configurada principalmente pela presença e aparência física dos corpos, que, neste trabalho, são entendidos como corpos socialmente construídos, ou seja, atravessados por valores culturais de um povo em um determinado tempo. Essa condição social implica em várias expectativas, demandas e padrões que revestem esse corpo. Principalmente o corpo feminino é, na maior parte das vezes, idealizado pela grande mídia com padrões de beleza a serem seguidos e funções a serem cumpridas. Sobre essa idealização, Gomes (apud GONGALVES, 2014, p.2) considera:

O fato é que nos é dada a liberdade de controlar nossos próprios corpos, mas somos aprisionados pelos discursos constrangedores da saúde, da boa forma física e do cuidado com o corpo, ensejados por três frentes de trabalho: mídia, indústrias da beleza e inovações tecnológicas e científicas.

Além desses discursos que aprisionam a experiência corporal e social, os corpos femininos ainda são educados dentro de uma perspectiva de subordinação masculina que os prescreve possibilidades limitantes de apresentar e vivenciar seus próprios corpos. Essas limitações podem ser exemplificadas com algumas expectativas direcionadas às mulheres em geral: elas devem se apresentar como vaidosas, cuidadosas, maternas, comportadas e delicadas – características que florescem no corpo. Além dessas expectativas, os homens ainda se sentem no direito de interferir nas escolhas pessoais das mulheres para atender a estas expectativas, como, por exemplo, a cor de um batom, um tipo de roupa ou um corte de cabelo. O machismo está tão fortemente intrínseco aos indivíduos dessa sociedade que essa liberdade, da qual Gonçalves (2014) menciona é relativa considerando a necessidade em obedecer diversos elementos relativos ao ser mulher.

A naturalização da hierarquia do gênero, nesse caso, a submissão feminina – no trabalho, em relacionamentos amorosos e no espaço público em geral – deve ser questionada. Nalu Faria e Miriam Nobre (1997, p.24) indagam essa hierarquia de gênero no jornalismo impresso, por exemplo: “As mulheres aparecem muito nas capas das revistas femininas e masculinas, mas quase nunca na primeira página do jornal. Elas têm

pouco poder político e econômico, mas nem esse pouco aparece na primeira página, reservada aos políticos, esportistas homens, banqueiros, empresários”. É preciso indagar esse espaço desigual e as finalidades determinadas ao gênero. Quer dizer, por que ter um corpo feminino significa que a mulher deseja ser mãe? Por que as mulheres são mais sensíveis e menos capazes para o comando? No caso dos homens, por que eles não podem ser mais cuidadosos e sensíveis do que as mulheres? Desnaturalizar essas expectativas e características referentes à identidade feminina é importante para combater crenças, que ainda se fazem presentes nos dias de hoje e que submetem a mulher ao homem ou mesmo desqualificam a mulher diante o homem.

A história de diferentes indivíduos está sendo tornada mais visível, por meios de comunicação alternativos e potencialmente mais democráticos. O portal de compartilhamento e exibição de vídeos – o Youtube<sup>4</sup> – é atualmente uma das mais importantes plataformas da comunicação no contexto virtual (JÚNIOR e MENDES, 2012). Essa mídia grua canais de amadores e profissionais e transmite os vídeos livremente, já que seus compartilhamentos podem ser feitos por qualquer usuário que possui uma conta na página. Os autores Valiati e Tietzmann (2013) citam Green e Burgess para relatar o sucesso alcançado pelo site.

As atividades coletivas de milhares de usuários, cada qual com seus entusiasmos individuais e interesses ecléticos, resultam em um arquivo verdadeiramente vivo da cultura contemporânea formado a partir de uma grande e diversa gama de fontes (BURGESS e GREEN, 2009, p.120, apud VALIATI e TIETZMANN, 2013).

Essa riqueza cultural e narrativa do Youtube fomenta concepções diversas acerca de nossas identidades de gênero e contribui para escaparmos dos discursos patriarcais determinantes que ainda são reproduzidos. É possível encontrar múltiplos canais que discutem o papel social da mulher, o empoderamento feminino e a diversidade entre as próprias mulheres brasileiras. Alguns exemplos de *youtubers* mulheres que estão falando sobre suas realidades como mulheres são: “Afros e afins por Nataly Nery”<sup>5</sup>, “Mandy Candy”<sup>6</sup>, Canal das Bee<sup>7</sup> e por fim, o objeto desse trabalho, JoutJout Prazer.

---

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/>

<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdkrQg/featured>

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/user/mandyparamaiores>

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/user/CanalDasBee>

---

As discussões realizadas no canal JoutJout Prazer<sup>8</sup> invadiram as mídias alternativas e tradicionais conquistando uma legião de fãs por encarar assuntos polêmicos de forma descontraída. Julia Tolezano, a protagonista do canal (com 1,686,010 inscritos até 20/04/2018), é uma jovem de 26 anos, formada em Jornalismo pela PUC-Rio e confessa que começou a produzir os vídeos como uma forma de se aceitar, sem uma meta traçada. Um dos vídeos mais visualizados do canal “Não tira o batom vermelho”<sup>9</sup> (3,245,874 visualizações até 20/04/2018) discute a difícil realidade dos relacionamentos abusivos por meio de relatos de diversas mulheres enviados online. Outros temas que aparecem no canal são: depressão, cólica menstrual, cuidados com o cabelo cacheado, sexualidade feminina e masculina e profissões estereotipadas. JoutJout – apelido dado à Julia por Caio, seu ex-namorado – contribui para o debate de identidade de gênero já que ela se propõe, a partir de suas histórias de vida ou por meio da colaboração de seus convidados a questionar diversos valores enraizados na sociedade e colocar em cheque verdades absolutas.

Como ressaltado por Coruja (2017), a *youtuber* não se rotula como *feminista*, mas as situações abarcadas pelo canal acabam gerando um espaço para problematizar a condição do sujeito mulher.

Apesar de ter acontecido uma tomada de consciência estimulada pela própria audiência, o canal não se propõe a discutir o feminismo, mas traz essa discussão (questionamentos, problematização) imbricada na proposta de falas marcadas por situações do cotidiano e na produção de vídeos sem roteiro. O feminismo não aparece diretamente citado nos vídeos, mas em vários momentos Jout Jout utiliza expressões do feminismo (de um feminismo ou muitos feminismos), o que acaba refletindo na maneira em que é vista, não apenas pela audiência do canal, mas pela imprensa em geral (CORUJA, 2017, p. 62).

Dessa forma, considerando o canal JoutJout Prazer relevante para a discussão de ser mulher, acreditarmos que ele contribui para renovar ou fortalecer diferentes representações femininas. Como Sardenberg (2012) nos faz questão de mostrar, o empoderamento não pode ser dado a alguém, já que é um processo interno, mas

---

<sup>8</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCbE7YGLZ-VY0oCgIsCSJ5Sg>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg&t=>

---

entendemos a ação do canal como um fomento às possibilidades do sujeito mulher. Entendemos empoderamento como:

(...) o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das armas da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero (SARDENBERG, 2009, p. 2).

Por esse prisma, além de entender o conceito de gênero e empoderamento, esse trabalho busca por respostas para as seguintes questões: como o canal JoutJout Prazer problematiza o corpo feminino? Quais são os embates entre o corpo feminino e masculino? Quais significados são acionados e temáticas abordadas ao se falar do corpo feminino? É importante perceber também se o canal apenas propõe novos padrões ou se, através das suas discussões, expande o leque de possibilidades na construção do eu favorecendo um empoderamento feminino.

### **A construção do gênero e a urgência do empoderamento**

Segundo Miriam Nobre e Nalu Faria (1997), a antropologia e a psicanálise foram as primeiras áreas a trabalharem o conceito de gênero, situando a construção das relações de gênero na definição das identidades femininas e masculina, como base para a existência de papéis sociais distintos e hierárquicos. Estudar esse conceito nos proporciona um olhar mais bem treinado e atento para determinados processos que consolidam diferenças de valor entre o masculino e o feminino e que geram desigualdades.

O conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico e não deve ser confundido com o corpo biológico. Essa discussão confronta o corpo social que é treinado, primeiramente na família e depois em ambientes como a escola e o trabalho, para corresponder a quadros referentes ao masculino e o feminino. Podemos compreender esses quadros como sistemas de gênero – formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres – que são frutos da cultura, de uma determinada sociedade e

tempo histórico. Dessa forma, gênero quer dizer que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. As autoras Miriam Nobre e Nalu Faria (1997) ressaltam:

(...) essa construção social, não significa desconsiderar que ela se dá em corpos sexados. Compreendemos que há uma estreita imbricação entre o social e o biológico. Como disse Guacira Lopes Louro, gênero também tem uma dimensão e uma expressão biológica. Assim, mulheres e homens imprimem no corpo, gestos, posturas e disposições, as relações de poder vividas a partir das relações de gênero (NOBRE; FARIA, 1997, p.10)

A maneira pela qual experimentamos nossos corpos e imagem acaba por estar diretamente relacionada com os padrões de beleza vigentes. Nessa perspectiva, o corpo genético é um corpo atravessado por normas e regularidades e também um lugar do controle e da formação do “eu” (CORBIN, VIGARELLO e COURTINE, 2011). Como Le Breton (2012, p.7) adverte: “antes de qualquer coisa, a existência é corporal” e por isso sentimos na pele as forças predominantes em uma sociedade. Entender os papéis sociais por essa ótica nos conscientiza e treina nossas percepções para encarar as desigualdades de gênero e, além disso, as exigências pessoais, muitas vezes impossíveis de serem realizadas, diante de padrões rígidos.

A importância em demarcar o conceito de empoderamento para o presente trabalho é grande, já que entendemos que esse termo tem sido ressignificado em contextos diversos com diferentes propósitos. Sardenberg (2006) reflete sobre as diversas possibilidades de se pensar o conceito de empoderamento, do ponto de vista individualista e coletivo, principalmente a partir das ponderações das autoras Batliwala (1994), Kabeer (1999), Leon (2001), Molyneux (1985) e Mosedale (2005). Ainda que assumindo a falta de consenso no Brasil quanto ao que vem a ser empoderamento temos como ponto de partida a seguinte proposta:

(...) o empoderamento é, simultaneamente, processo e o resultado desse processo, sendo que, no caso das mulheres, esse processo tem como objetivos: (1) questionar a ideologia patriarcal; (2) transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero as desigualdades sociais; e (3) criar as condições para que as mulheres pobres possam ter acesso – e controle sobre – recursos materiais e informacionais (SARDENBERG, 2006, p.6).

---

A discriminação de gênero é sutil, bem como é grandiosa e por isso a urgência em compreender o empoderamento. Isto é, a condição de ser homem ou mulher não deveria influenciar na escolha profissional, na escolha do vestuário, nos gostos pessoais de alguém. O gênero deveria ser apenas um aspecto de construção da identidade e não um limitador de todas as possibilidades de experienciar a vida. De acordo com esse resgate teórico, porém, nos deparamos com uma sociedade com uma história patriarcal que definiu marcadamente funções e valores relativos aos homens e mulheres, que na sua maior parte desvaloriza a mulher em relação ao homem em diferentes aspectos. Dessa forma, o empoderamento, ou seja, o poder de poder decidir para além dessas funções e valores é importante para que as mulheres transformem suas vidas e seus contextos de acordo com o que for melhor para os envolvidos daquela realidade e não de acordo aos sistemas de gênero inflexíveis. Essa discussão a respeito dos atributos designados a homens e mulheres é tratada no trecho a seguir:

As crianças são levadas a se identificarem com modelos do que é feminino e masculino para melhor desempenharem os papéis correspondentes. Os atribuídos às mulheres não são só diferentes dos do homem, são também desvalorizados. Por isso, as mulheres vivem em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens (NOBRE; FARIA, 1997, p. 10).

A desvalorização da mulher na sociedade atual é evidente em vários aspectos e cenários. Possivelmente encontraremos essa característica na profissão, com salários inferiores, na família e na política, com falta de espaço e direitos, entre outros. Percebemos durante o presente trabalho que a inferioridade da mulher deveria ser constatada até mesmo na altura dos corpos – condição que reprime as mulheres que vieram ao mundo mais altas que os homens. Portanto, é por esse eixo de discussão que acreditamos ser proveitoso enfrentar nosso objeto de estudo e cumprir com nossas análises.

### **A discussão de gênero no vídeo *Quando os umbigos se encontram***

Como apresentado anteriormente, esse estudo procura discutir as problematizações feitas no canal JoutJout Prazer relativas aos padrões estético-culturais vigentes. As questões norteadoras para a análise são: como o canal JoutJout Prazer problematiza o corpo feminino? Quais são os embates entre o corpo feminino e

---

masculino? Quais significados são acionados e temáticas abordadas ao se discutir o corpo? Nesse espaço comunicacional, que pode ser considerado mais plural que a mídia hegemônica, há uma expansão no leque das possibilidades em ser mulher favorecendo o empoderamento?

A pesquisa a longo prazo se debruçou sobre as representações da mulher construídas pelos vídeos do canal e como elas se alinham à discussão de identidade de gênero e empoderamento feminino. Dessa maneira, decidimos trazer um vídeo para ilustrar as discussões empreendidas durante nosso processo de pesquisa. O vídeo *Quando os umbigos se encontram* discute a mulher alta e seus desafios diários dentro de uma sociedade machista com padrões culturais rígidos. Entendemos que o potencial empoderador do canal e a sua força devem ser analisados dentro de uma grande análise, que ultrapassa o espaço disponível do presente trabalho. Por isso, acreditamos que esses resultados podem se modificar dependendo da problematização feita pelo canal em outros vídeos, bem como os inúmeros efeitos do vídeo em contextos sociais distintos. Nossas análises acerca do papel social do corpo feminino terão como apoio os autores abordados na nossa discussão teórica.

O vídeo intitulado *Quando os umbigos se encontram* foi ao ar no dia 22 de dezembro de 2016 e a sua temática principal é a relação que a altura de uma mulher tem com outros aspectos da sua vida. O vídeo começa com Julia ao lado da sua amiga, denominada como Claudia para resguardar a sua identidade. O enquadramento das duas é feito de forma que o rosto de Julia está sendo mostrado e Claudia é retratada apenas até o pescoço, exibindo a discrepância de alturas entre as duas: Claudia com 1,83 e Julia com 1,61 metros. Para começar a discussão, JoutJout revela que ambas estão descalças e que, segundo algumas pesquisas, sua amiga está acima da altura média brasileira.





A estrutura narrativa do vídeo é feita por meio da conversa entre JoutJout e a sua convidada, a *youtuber* medeia a discussão, ao contrário de outros vídeos do canal nos quais Julia é a protagonista. Esse é um canal baseado em uma pessoa que não se expõe para contar sua narrativa de vida, mas que expõe fatos de sua vida cotidiana, juntamente com a colaboração de convidadas que ela convoca. O compartilhamento da trajetória pessoal, além de gerar uma empatia no público, acaba por validar as problematizações feitas pelo canal. Nesse vídeo, a responsabilidade em decorrer sobre o assunto é de Cláudia, por que é especialista por vivência e tem credibilidade para assumir esse lugar de fala. Dessa maneira, a dona do canal participa do vídeo dentro dessa interação e intervém comentando as histórias de Cláudia e levantando questionamentos. O vídeo foi organizado dentro dos seguintes blocos: 1) Descrença e apostas; 2) Decepção com a profissão; 3) Uou!; 4) Irmandade das mulheres altas; 5) Restrição total; 6) Corcunda; 7) Salto alto JAMAIS e 8) Uma súplica. A única trilha sonora é uma música ambiente ao fundo que não compete com a fala.

O relato de Cláudia só faz sentido para quem faz parte das perspectivas da sociedade brasileira, já que os padrões estético culturais divergem dependendo da cultura. A própria amiga de Julia cita, por exemplo, a Holanda como referência de país com uma média mais elevada da altura das mulheres. Nesse contexto holandês, o impacto da altura nas relações sociais de uma mulher provavelmente não é o mesmo que no Brasil, onde o padrão cultural associado ao corpo feminino é tão forte que traz repercussões para outros

aspectos da vida, que teoricamente não estariam vinculados à altura. Se o corpo feminino foge do padrão estético cultural vigente – nesse caso, a altura em torno de 1,60 metros – a pessoa provavelmente vai enfrentar problemas em alguma ordem da vida. Esses desafios são abordados na narrativa de Cláudia que aparecem de diversas formas: na sociabilidade, na vida amorosa e na carreira profissional.

O tamanho do corpo feminino parece estabelecer uma barreira no contexto das relações amorosas heterossexuais. Em um momento do vídeo, a convidada reconhece que ela mesma já se percebeu avaliando a altura de outro rapaz que ela poderia estar interessada: “Será que esse menino é muito baixinho pra mim? ”. Por que a altura deveria ser uma condição para iniciar uma relação com outra pessoa? O desconforto com a altura numa relação heterossexual é fruto de um machismo que é cultivado por homens e mulheres. Nalu Faria e Miriam Nobre (1997, p.22-23) explicam:

Como mães e professoras, as mulheres muitas vezes reproduzem o machismo e as ideias dominantes na sociedade, que pregam a suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Não podemos nos esquecer de que as ideias dominantes na sociedade são dominantes justamente porque estão na cabeça da maioria dos homens e das mulheres também. Essas ideias são repetidas à exaustão na família, na escola, nas igrejas, nos meios de comunicação, e não de se estranhar que muitas mulheres se convençam delas.

Pelas relações de gênero da sociedade, não é permitido que a mulher tenha um corpo maior em altura, já que isso a coloca em uma situação de leitura superior ao homem. Quer dizer, a relação de superioridade do homem é tão forte que ela não pode ser redefinida nem mesmo na proporção dos corpos: na altura. Nalu Faria e Miriam Nobre (1997, p. 10) esclarecem a expressão ‘relações de gênero’: “Usamos as expressões *identidades de gênero e relações de gênero* para deixar bem claro que as desigualdades entre homens e mulheres são construídas pela sociedade e não determinadas pela diferença biológica entre os sexos”. Isto é, estamos falando de corpos que são desenvolvidos dentro de um determinado espaço e tempo, que recebem conotações que perpassam essa construção social, organizando valores, hierarquias e padrões que os qualificam. O corpo feminino alto, que transgride o padrão de ser mulher, é automaticamente alocado para um outro tipo de categoria, com novas expectativas sociais específicas e novas funções, caracterizando o estereótipo da mulher alta: esportista,

---

modelo e a inviabilidade de fazer parte de um relacionamento no qual o homem é mais baixo.

No bloco “Decepção com a profissão”, Cláudia conta das pessoas que lhe questionam sobre a sua profissão tendo como parâmetro a sua altura, ou seja, perguntavam se ela jogava basquete, vôlei ou se era modelo. Como ela respondia não para todas as perguntas, as pessoas tinham uma reação de desentendimento como se não fosse possível que ela não fizesse nenhuma daquelas atividades. Ela ri desconcertada e afirma: “Antes de eu ser uma pessoa, eu sou uma pessoa alta”. A cobrança social é tão forte que as pessoas esperam que a mulher alta tire vantagem do atributo de transgressão da altura e se ela não o faz, ela perde o seu lugar, parece não pertencer. Da mesma forma como a atividade de modelo lhe seria ideal, mas, no caso da Cláudia, ela ainda deveria seguir mais uma regra: emagrecer. A jovem confessa que já foi parada na rua por alguém que a convidava a ser modelo, com a única condição de ter que emagrecer, sem nem mesmo questioná-la sobre sua própria vontade. Segundo Corbin, Vigarello e Courtine (2011), os modelos de corpos magros e longilíneos se iniciam com a chegada da *Belle Époque*. Levando em conta os padrões estéticos ocidentais, Cláudia se encaixa quase que perfeitamente possuindo pele clara, cabelo claro e liso e corpo razoavelmente magro. Seu corpo conjuga uma série de características que a colocaria em uma situação de ser modelo, ainda mais com a sua altura acima da média, mas somente isso não seria o bastante. Ela ainda precisaria atender a outra exigência de um padrão estético: ser mais magra.

A pressão dos padrões estéticos promove um autocontrole e uma autopercepção para se adequar às imposições culturais, mesmo quando não há recursos para certas “correções”. A recusa de utilizar salto alto, por exemplo, é uma forma de opressão sutil que esse padrão estético cultural pode provocar na vida das mulheres altas que não têm a possibilidade de realizarem uma intervenção cirúrgica para se verem mais próximas de um molde almejado. Cláudia admite não ter usado salto na adolescência para não colocar sua altura ainda mais em evidência: “A minha altura parecia estar me separando da normalidade”. A repressão é constatada na própria postura da mulher alta. A convidada admite que ao longo de muitos anos se esforçou para parecer mais baixa e que talvez seja por isso que nos dias atuais ela seja mais corcunda. Para as mulheres altas, já que não há interferências viáveis para se modificar a altura, são submetidas aos novos papéis já mencionados. Obviamente, todos são livres para fazerem suas escolhas, mas se a mulher alta for negando esses padrões, ela estará constantemente diante dos espantamentos

---

alheios e é por isso que a escolha não é tão livre assim. Como ressaltado por Sardenberg (2006, p.7) segundo Kabeer (1999):

Escolha, no caso, implica na possibilidade de alternativas. Só que algumas “escolhas” têm maiores consequências do que outras em nossas vidas. Nessa perspectiva, o empoderamento pode ser entendido como o processo através do qual se expandem os limites de se fazer escolhas estratégicas, num contexto no qual isso era antes impossível/proibido/negado.

No caso das mulheres altas, escolher, por exemplo, namorar um homem mais baixo nos dias de hoje ainda implica quase que automaticamente na desaprovação do olhar do outro no espaço público e o estranhamento. Cláudia relata que sempre quando conhece alguém pela primeira vez, essa pessoa olha primeiro para os seus pés para conferir se ela é realmente daquele tamanho ou se está usando salto alto. Ela ainda acrescenta que já foi interpelada por pessoas estranhas na rua que fizeram apostas para adivinhar a sua altura.

Em relação à “proibição” de relacionamentos amorosos com um homem mais baixo, a convidada e JoutJout avaliam que para os homens mais altos do que a média não há tanto constrangimento. Cláudia aponta que o homem sofre menos com a altura por que é esperado, dentro de uma relação heterossexual, que ele seja o mais alto e para a mulher não é esperado e nem aparentemente bonito que ela seja mais alta. Para comprovar isso, a amiga conta que um grande amigo confessou que nunca se relacionaria com ela por ela ser muito alta, por que ele se sentiria inferior a ela. JoutJout comenta: “Não tem que se sentir nem inferior, nem superior. O mundo né... A gente cria umas regras...”. Elas ainda ponderam que em um relacionamento homo afetivo, entre mulheres, a altura não parece ser um problema, por que em tese ali não haverá marcação de superioridade.

O debate desenvolvido no vídeo caminha para compreender que a necessidade de a mulher ser mais baixa que o homem não se fundamenta a não ser por uma perspectiva machista. Chegar a esta percepção depois da trajetória compartilhada por Cláudia contribui para o fomento do empoderamento, já que ocorre uma desconstrução de percepções acerca da mulher alta. Percepções e qualificações estas que foram naturalizadas com o tempo e somente por meio de questionamentos, como foram feitos ao longo do vídeo, têm a possibilidade de serem vistos por outra ótica. No final do vídeo as duas mulheres ainda reforçam sobre a necessidade de independente das reprovações,

---

experimentalizar a vida para além das limitações da desigualdade de gênero: “Você que é uma mulher alta: tá tudo bem. Você não é esquisita e não precisa necessariamente ser boa nos esportes, nem ser modelo. Não precisa namorar um cara mais alto que você. Namore as pessoas que você quer namorar, não alguém que fique legal na rua quando as pessoas forem olhar”.

### **Considerações Finais**

A análise do vídeo *Quando os umbigos se encontram*, revelou vários vestígios do patriarcalismo e do machismo na própria experiência corporal dos indivíduos. No caso da mulher alta foi exposto pela convidada de JoutJout, as diferentes inconveniências enfrentadas por simplesmente ter um corpo mais alto que a média. O corpo alto feminino, que desvia do padrão corporal vigente, assume automaticamente uma função específica e é alocada para um novo estereótipo: deve ser modelo ou atleta. No caso do corpo alto masculino, as duas amigas consideraram que seria uma característica até de vantagem para os homens, não causando problemas em relacionamentos ou mesmo no espaço público. Já no caso das mulheres, não seria bem aceito pela sociedade, um corpo alto feminino dentro de um relacionamento heterossexual, no qual o corpo masculino seja mais baixo. A própria Cláudia confessa: “Se você para pra pensar isso de um ter que ser maior que o outro não tem fundamento algum. A única explicação possível para que isso esteja no imaginário das pessoas é essa parada que a mulher tem que ser inferior”. Nos relacionamentos homoafetivos, por outro lado, entre duas mulheres, JoutJout e Cláudia não enxergam esse mesmo conflito de superioridade.

O canal só consegue problematizar a questão do corpo feminino alto com a contribuição de uma mulher alta que é convidada por JoutJout. Podemos dizer, então, que a mediação que o canal faz entre Cláudia e o público contribui para uma conscientização sobre um assunto que Julia não teria propriedade para falar por não ser alta. Além disso, na conversa entre as duas mulheres, fica claro como o corpo feminino alto é percebido pelo outro de forma a satisfazer uma finalidade e não apenas como sendo um aporte físico de uma pessoa, como seria no caso dos homens, por exemplo. Isto é, já que existe um realce anormal da altura feminina, Cláudia deveria utilizar dessa condição para fazer esportes que são favorecidos pela altura ou ser uma modelo, atividade que requisita uma altura acima da média. Essa condição demonstra claramente a falta de poder que as

mulheres têm sobre seus próprios corpos. Por fim, podemos acreditar que as possibilidades em ser uma mulher alta foram expandidas e repensadas por meio da discussão proposta, já que os estereótipos rígidos da mulher alta são criticados e o desconforto diante da altura é examinado como algo não natural, possibilitando novas leituras do corpo feminino e o empoderamento.

Durante a trajetória da nossa pesquisa, observamos como o canal JoutJout Prazer se demonstra bastante engajado em confrontar valores absolutos, convenções naturalizadas, estereótipos e principalmente a cultura machista que se reflete na forma como homens e mulheres experenciam a vida. Apesar de em alguns momentos a youtuber reproduzir ideias machistas, por também fazer parte dessa sociedade brasileira atual, vimos que prevalece um movimento de interrogar diversas convenções e estruturas sociais que limitam a experiência da mulher. Por meio do humor e de suas narrativas de vida, a *youtuber* está na maior parte das vezes envolvida com acontecimentos que refletem sobre a desigualdade de gênero e a falta de empoderamento entre as mulheres.

### Referências bibliográficas

CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História do Corpo: As mutações do Olhar**. O Século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CORUJA, Paula. **Expressões Do(s) Feminismo(s):** Discussões do Público com a *Youtuber* Jout Jout, Porto Alegre, 2017. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. **Dissertação de mestrado**, 2017.

GONÇALVES, L.D. **A real beleza:** uma análise discursivo-crítica do “corpo diferente” presente na campanha Dove. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Viçosa, Viçosa, 2014.

JUNIOR, M.C.C.S.; MENDES, L.M.R. **O YouTube como Ferramenta de Democratização da Produção Audiovisual:** Limites e Implicações Sociais. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012.

KELLNER, D. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauri, SP: EDUSC, 2001.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

---

NOBRE, M.; FARIA, N. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1997.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana Ramalho. LIMA, Letícia Natalina. **Narrativas biográficas contemporâneas**: uma análise dos vídeos do canal MarcaPasso. Viçosa, 2014. Projeto de Iniciação Científica financiado pelo CNPq.

SARDENBERG, C.M.B.. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, NEIM/UFBA – Salvador – BA – 5 a 10/06/2006.

VALIATI, V.A.D.; TIETZMANN, R. **Memórias Coletivas e Processos Colaborativos**: o caso do filme A Life In a Day. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – S. Cruz do Sul - RS – 30/05 a 01/06/2013.